

# **CARTA PEDAGÓGICA DIRIGIDA A PAULO FREIRE: Mulher inspiradora e as construções de enfrentamentos na Educação**

Flávia Felipe Inácio<sup>1</sup>

Querido Professor Paulo Freire,

Salve minha mãe!

Senti vontade de te escrever e tenho muitos motivos para isso. Primeiro dizer da saudade dentro do peito e que logo te visitarei. E também compartilhar algumas reflexões, sentimentos e o que vem alimentando minha ânsia na estrada longa de minha construção como humana e educadora. Os desafios como mulher, educadora da rede pública e ser humano estão gigantescos no cenário atual de 2021. E quantas vezes conversamos sobre esses desafios! Mas talvez eu não tenha sido suficiente clara sobre sua contribuição na construção de minha vida como educadora.

Como você acompanha, estou cursando uma especialização na Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PEHL - do Instituto Federal de Brasília - IFB. E a cada disciplina cursada, o convite ao enfrentamento político na carreira docente é evidenciado, pois os cenários para a carreira docente nos próximos anos não é favorável. A Reforma do Ensino Médio a partir da atuação de frentes conservadoras organizadas que ameaçam as conquistas na educação básica atinge diretamente as Ciências Humanas. O presente caracterizado pelo neoliberalismo marcadamente autoritário que não garante trabalho formal e direitos, haja vista as reformas trabalhista e previdenciária que sacrificam a classe trabalhadora - e forças atuam para a outra reforma ser aprovada, a administrativa. A Reforma do Ensino Médio somada ao texto da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) reforça e implementa a racionalidade empreendedora como motora do desenvolvimento de competências profissionais e socioemocionais como garantidoras de inserção no mundo do trabalho para a juventude (DANTAS, 2020). E neste contexto antidemocrático, conservador e esfacelador das identidades, como não desanimar e buscar sentido no ensino/educação?

Pensar nas contribuições de Paulo Freire e Martin Buber sobre formação humana na educação, pensadores que tive a oportunidade de me aproximar em uma das disciplinas da Pós-graduação e que provocou a escrita desta Carta Pedagógica, nos aponta caminhos possíveis. Os dois filósofos me ajudaram a pensar que pela educação e pelo sentido comunitário reconhecemos as lutas históricas e suas conquistas. E isso

---

<sup>1</sup> Educadora e cineclubista na rede pública do Distrito Federal. Estudante do Instituto Federal de Brasília, Campus Riacho Fundo na especialização Ensino de Humanidades e Linguagens. Ativista no Baque Mulher Brasília e facilitadora no movimento popular Promotoras Legais Populares - PLPs.

me nutriu de esperar e me motivou a seguir na estrada de atuação docente e no enfrentamento político como educadores(as) nesse cenário que reafirma a desigualdade estrutural. Eles nos convidam para o enfrentamento no presente, no cotidiano, com responsabilidade e inteiros(as) de forma ética e estética num constante estado de alerta intelectual. E os momentos difíceis são os que mais nos exigem este estado de alerta para uma posição crítica da realidade e ação sobre ela.

No cenário desfavorável dá medo? Sim, mas é com medo mesmo que a ação é contínua e emerge. Isso é muito provocador e nos coloca na reflexão para construção de uma educação voltada para a formação de comunidade e que seja crítica, criativa, dialógica, da escuta, da parceria, da confiança e do encontro pedagógico. Ou seja, uma educação combativa, de trincheiras, de se juntar em redes de atuação, na construção de comunidade com o(a) educando(a) numa relação de diálogo e escuta.

Ora, nos últimos anos, já se caminhou tanto em relação a uma educação para todos(as)! Imagina se pensarmos no contexto em que você foi escolarizada (anos 60 e 70) e depois eu (anos 80 e 90). Muita coisa mudou! O cenário não era fácil. E mudou porque muitos(as) enfrentaram a condição de opressão posta. Se alimentaram de reflexões e práxis freiriana, produziram e atuaram como sujeitos políticos em sala de aula, na escola e nas universidades e nos inspiraram como estudantes e como indivíduos responsáveis pela construção de uma Educação emancipadora.

E o que mais me inspira mãe, além destas reflexões de enfrentamento na Educação é o que aprendi e aprendo com você, a mulher inspiradora da minha vida. Ser educada por uma mulher determinada e combativa em uma sociedade estruturada no apagamento das lutas cotidianas das mulheres pretas e pobres é meu alicerce como sujeito-mulher e educadora que escolheu a escola pública como espaço de atuação profissional e política no sentido freiriano. Sua sede por conhecimento, sua luta para estudar, para fazer uma universidade cuidando de dois filhos dentro de um casamento na estrutura machista de nossa sociedade é a luta de muitas mulheres brasileiras.

E penso em bell hooks quando escreve sobre como conquistar a “paixão” (o lugar de Eros dentro de nós próprios) pela sala de aula ou para estimulá-la, nós, professores(as), devemos permitir que a mente e o corpo sintam e conheçam o desejo fundamentado num amor pelas ideias de realizar. Eu tenho sua resistência em realizar - e de tantas outras mulheres - como referência que me fazem entender essas reflexões. Desde criança te vivenciei como mulher mãe de pé, estrategicamente paciente e firme na batalha de realizar seus sonhos de forma apaixonada, mesmo que isso significasse subverter a ordem imposta pela sociedade.

A sua trajetória, mãe, inspira a minha, pois me situa como mulher e como filha de uma união inter-racial, estudante de escola pública em bairro periférico de Goiânia, estimulada pelos sonhos da mãe, acessei a universidade pública (cursamos juntas a universidade, isso marcou nossas vidas! Eu aos 19 anos ingressei o curso de Ciências Sociais e a senhora, Letras, aos 45 anos). Nossa história territorializa-me na minha responsabilidade como ser humano histórico social em uma sociedade marcada pela desigualdade social, pelo patriarcado, pelo racismo e pela homofobia. Remete-me em

como as reflexões sobre as relações entre educação e estudos de(s)coloniais, tendo aqui como referência a interculturalidade crítica como ferramenta pedagógica questionadora das relações de poder (WALSH, 2009), provocam-me a ressignificar as minhas raízes e projeta-me para o agora e para o futuro. Não no caminho da romantização da profissão professora, mas no caminho árduo da desconstrução de valores hierarquizadores de sujeitos sociais e de grupos sociais, no caminho da desconstrução da naturalização das desigualdades sociais e no enfrentamento de como elas são (re)produzidas na escola e na sociedade.

E o enfrentamento passa por compreender as relações sociais de poder estruturadas e estruturantes da sociedade brasileira, por convidar educandos(as) para essa compreensão e diálogo autêntico como nos escreveu Freire e Buber (PENA; NUNES; KRAMER, 2018). Assim como também passa por visibilizar saberes, sujeitos e grupos numa educação comunitária e identitária por direitos. E mãe, em tempos muito difíceis como estes de perda de direitos e de pandemia, agregar, estar junto, coletivizar é ressignificar e continuar enfrentando. Estamos juntas! Te amo!

Brasília, novembro de 2021

Flávia Felipe Inácio

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2021. [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixasite\\_110518.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixasite_110518.pdf) Acesso: 04/Jul/2021.

DANTAS, J. S. *As ciências humanas, a base nacional comum curricular e a reforma do ensino médio em tempos de ultraconservadorismo*. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 22, p. 1-17, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22196/rp.v22i0.3887>

WALSH, Catherine. *Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver*. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.

HOOKS, bell. *Eros, erotismo e o processo pedagógico*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) O corpo Educado: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica, 2000. P. 113 – 124.

PENA, A. C.; NUNES, M. F. R.; KRAMER, S. *Formação humana, visão de mundo, diálogo e educação: a atualidade de Paulo Freire e Martin Buber*. Educação em Revista, n. 34. 2018.